

# Comida DE MÃE

texto RITA LOIOLA

PARECIA QUE ELA ADIVINHAVA. Quando alguma coisa ruim tinha acontecido na escola, e eu chegava jogando a mochila no sofá, sobre a mesa havia aquele arroz com aquela carne frita. É um arroz que só a minha mãe sabe fazer, com bolas deliciosas de amassar com o garfo. Misturado à carne macia e dourada, tinha o poder de aquecer o coração. Ao fim do almoço, ficávamos só as duas à mesa: aconteceu alguma coisa, filha? Ah, sim, uma bobagem qualquer, mas já passou.

Eu não sabia, mas as refeições eram uma forma de minha mãe demonstrar amor. Por isso, as dificuldades, magicamente, sumiam. Só adulta fui perceber como cereais, carnes e legumes vinham misturados ao afeto. Como os biscoitos, bolos e doces diziam “te amo”. Após sair de casa, quando eu retornava para visitar meus pais, era obrigada a voltar com um pote de doce de banana. Ou um pão caseiro. Docinhos de abóbora com canela. Ao comê-los, lembrava-me da diversão de sovar o pão, que ela jogava na mesa com estrondos de acordar o quarteirão. Dos pedacinhos de massa que eu colocava no armário – o meu “forno”. Dos doces de leite feitos tarde da noite, que comíamos quentes, cometendo duas transgressões: à hora de dormir e à temperatura da comida.

Também me lembro da pouca gordura, pouco sal, muitos vegetais que aprendi a comer. Da comida saudável, que faz com que eu nunca tenha sido internada em um hospital. Dos temperos mágicos, que deixam os pratos saborosos: manjericão, salsinha, cebolinha, alho, colorau, cominho, coentro. Até hoje não sei como minha mãe faz a mistura de tudo isso ficar tão gostosa. Mas sei que não há problema que resista. Porque, no fundo, ela sempre adivinha quando eu preciso de um carinho. É minha mãe.

COMIDA DE MÃE  
VALE POR UM CARINHO



© Jekaterina Nikitina/Getty Images